

OCCIDENTE

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

15 DE ABRIL DE 1880

VOLUME III — N.º 56



REAL THEATRO DE S. CARLOS. — O GUARANY, OPERA DE CARLOS GOMES, SCENOGRAFIA DE LUIGI MANINI
(Desenhos de R. Bordallo Pinheiro e M. de Macedo)

SUMMARIO

TEXTO.—Chronica occcidental, GUILHERME D'AZEVEDO — O Guarany em Lisboa, CARLOS GOMES, FILIPPE O ARAÚJO — A proposito do scenario do GUARANY, SPECTATOR — Viagens da srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa equatorial, ALBERTO DE CURTAS — As nossas gravuras — Nordenskiöld e a passagem do Nordeste, LINA DE BARROS — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BAITO REBELO — De Buenos Aires á Pampa por Cordoba, FRANCISCO D'ALMEIDA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Real Theatro de S. Carlos, o Guarany, opera de Carlos Gomes, scenographia de Luigi Manini — O maestro Carlos Gomes — Carolus Duran — Viagem de exploração na Africa equatorial. Uma rua no interior da aringa de Quillengues — Residência do chefe de Quillengues — Bellas Artes, A primeira impressão do artista, quadro de João Christino — A passagem do Nordeste por Nordenskiöld — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A primavera chegou já ha dias mais este caso sentimental não foi discutido em verso nem cantado nos artigos, de fundo, dados do ordinario a discussões mais circumspectas e menos cheias de flores.

Quando chega a primavera a companhia lyrica, de ordinario, parte. É o que n'este instante se prepara para fazer depois de haver moído consecutivamente, durante cento e vinte noites, a sensibilidade dos assignantes com essas dolentes melodias ao som das quaes se tem embalado, com esta, já quatro gerações de dilettanti.

Depois da companhia lyrica partir, Lisboa, na opinião dos que vivem das seduccões da Traviata e da morbidez do Trovador, vai ficar um deserto. Um deserto com palmeiras de menos e camellos de mais, diga-se a verdade, mas em todo o caso um Saharã, e a circumstancia agravante de ter por oasis o Passeio Publico.

Faz dô, na verdade, ver uma população acostumada a alimentar-se de Verdi durante seis mezes consecutivos, achar-se de repente reduzido á triste condição de se alimentar de pó!...

N'este transe o que ha de Lisboa fazer semo-se repulstar-se em profunda melancolia — que é em todo o caso o genero de sepultura mais ameno que se conhece — e deixar-se ficar extatica, em quanto não chega a epocha das praias, a ouvir as doloridas reveries marteladas nos pianos pelas virgens seismadoras!...

— Carolus Duran, o grande artista, ainda ha poucos dias escrevia de Lisboa uma carta extremamente curiosa a Jules Claretie. D'essa carta, sobretudo, deprehendia-se que entre nós, o que mais o havia tocado era a tristeza do nosso povo.

Essa tristeza é na verdade manifesta e surpreheude todo o estrangeiro susceptivel de observar. E tão fatal e tão irremediavel a consideram entre nós alguns espiritos, que não é raro ouvir-se dando prudentes conselhos á mocidade e convidando-a a ser menos expansiva nos seus rizes, apontando-lhe o exemplo da França que, por se dar demasiadamente á cultura de Offenbach, chegou um dia a resvalar no abysmo.

Assim, não produzimos em trigo nem em idéas o sufficiente para o consumo proprio, mas somos um povo circumspecto que se descompe nos artigos de fundo da melhor forma que pôde, sem se depravar n'essas orgias da gargalhada que lá fóra tem cavado a ruina das nações.

E' ao regimen methodico do chá e da opera italiana, com subsidio de assucar e pão com manteiga pelos governos, que devemos este estado de beatidade florecente.

— Tudo o que transpõe a fronteira tem obrigação de ser serio. O proprio Figaro de Paris que hoje educa em Portugal a gente que se preza, é considerado como um evangelho dos

povos. Ninguém na verdade podia admitir que o Figaro viesse brincar comosco.

Assim viu-se o respeito e a contricção com que foi lido o artigo em que a referida folha, ha poucos dias, descompunha e compunha um Marquez de Pombal para uso dos jesuitas. Nenhum publicista, dos que prezam por dever e vocação as glorias patrias, se deu ao trabalho de protestar, o que até certo ponto — forçoso é confessal-o — indica falta de patriotismo ou de francez. Viu-se apenas sair a terreiro um portuguez residente em Paris, o qual entendem, todavia, que do nome de Pombal, o que valia mais a pena rectificar em termos claros e terminantes era, não o que dizia respeito á posição que na historia occupa essa grande cabeça de estadista que entre nós fez a gloria de um seculo, mas simplesmente o que dizia respeito á posição que o Figaro attribuia a Pombal — cabeça de comarca.

— As festas do tricentenario de Camões prepararam-se o mais ruidosas que é possivel, atenta a pouca expansibilidade do nosso animo. Depois de tres seculos de gloria acontece ao grande epico uma coisa estranha. E' preciso que os poderes officiaes e a imprensa acordem por meios artificiaes os echos da fama adormecida, para que a alma popular desperte ao ruido das grandolas e se disponha a partilhar um pouco do que nas circulares de convite se costuma chamar o *jubilo nacional*.

Porque a verdade suprema é esta meus senhores: o nosso povo não sabe lá muito bem quem foi Camões nem o que elle fez, ao passo que sabe pelo ter ouvido dizer, e tel-o observado na peça do sr. Braz Martins, que Santo Antonio estando em Padua apparece ao mesmo tempo em Roma a salvar o pae da forea, conseguindo além d'isso o prodigio ainda não realisado nos nossos parlamentos — a não ser em espirito — dos seus auditorios se compõem simultaneamente de homens e de peixes.

Por tal motivo o grande epico só talvez para o quarto centenario consiga obter os legitimis e espontaneos triumphos que hoje alcança, sem trabalho nenhum, qualquer thaumaturgo de segunda ordem.

A culpa não é bem do povo; é de quem o não ensina a ler, impondo-lhe, com a obrigação de pagar tributos, a de soltebrar alguma coisa dos *Lusiadas*.

— Annuncia-se para breve um acontecimento artistico que só de tempos a tempos se realiza entre nós: A *exposição da sociedade Promotora das Bellas Artes*. Alguns dos nossos novos artistas, que os tempos e de talento, concorrerão a este certamen com varios trabalhos que serão como que a promessa d'um renascimento promettedor, e Carolus Duran deslumar-nos-ha com duas ou tres das suas telas extraordinarias.

Do contraste dos quadros do grande mestre com as tellas dos nossos modestos trabalhadores, resultará para os que forem dotados do dom da observação, um choque d'uma significação mais moral do que artistica.

O grande pintor recebe por aquelles trabalhos, da mão de particulares, em dois mezes, uma remuneração que orça pouco mais ou menos pelo que a arte nacional recebe dos poderes publicos em dois annos!

Basta este facto para acusar a desordem mental da nossa sociedade e determinar a orientação das nossas classes directoras.

GUILHERME D'AZEVEDO.

O GUARANY EM LISBOA

CARLOS GOMES

I

Tem havido sem duvida, razão para supor que os portuguezes são incapazes de grandes creações artisticas. É facto que, desde a Renascença até hoje (1880), nenhum nome collocamos, nem como esculptor, nem como pintor, nem como musico, na lista coroada dos grandes artistas da humanidade.

Será porém este facto incontestavel resultado de incapacidade organica, ou apenas deficiência do meio? Não germina a planta porque a semente não tem embrio que possa desenvolver-se, ou porque, faltando a oxigenio, calor, agua, não encontra circumstancias adequadas?

Lemitando-nos á arte musical diremos, como exemplo, que os estudos de harmonia e alta composição do Conservatorio de Lisboa, são pouco mais de nullos.

Suppondo mesmo que, em tão más condições, ou ainda por meio de um estudo particular bem dirigido em parte no estrangeiro, um portuguez consiga escrever um trabalho importante, — uma opera por exemplo, — como poderá fazel-a executar, e, sobretudo, como poderá fazel-a devidamente apreciar por um publico desconfiado, com rasão, dos productos nacionaes, e disposto de antemão a rejeital-os, como tambem de antemão, (e para não fazer má figura,) está disposto, a applaudir o que outros, lá fóra, mais sabidos e mais experientes, lhe têm dito que é bom?

Não sei qual é o estado da instrução musical no Rio de Janeiro e no Brazil. Alguara-se-me que deve ter regulado, até hoje, pelo Portugal.

A grande fortuna do sr. Carlos Gomes consistiu pois principalmente em ter sido educado em Italia.

Com 24 annos de idade começou elle os seus estudos no Conservatorio de Milão, e em 6 ou 7 annos fez-se inteiramente italiano, escrevendo com a sua grande facilidade de assimilação melodia meridional, para os theatros de declamação, para as *recitas dos acontecimentos* e para as *operas comicas*, e assim habitando o publico de Italia a consideral-o como naturalizado nas suas escolas, no gosto dos seus mestres, e já filho legitimo das influencias dominantes do genero italiano.

N'estas condições, ser brasileiro, foi ainda para Carlos Gomes uma boa qualidade: punha-o ella mais em evidencia, destacava-o só por si, mesmo com menos talento que elles, da turba dos seus condiscipulos e contemporaneos; tinha por ella proteções especiaes, se bem que, sem duvida, tambem algumas luctas, e fazia-o consideral-o, — pelo que lhe dava de original e eccentrico, — como um artista esperancoso e predestinado.

Em 1870, todas as circumstancias que deixio notadas permitiram a Carlos Gomes p'ir em scena, com applauso, na Scala de Milão, o seu *Guarany*.

II

Quem julgar, na fé da generalidade das operas italianas, que em Italia só se não comprehendem as tendencias modernas da arte musical e o que esta deve ao genio da Allemannha, enganase por completo. O conhecimento do *maestro* italiano que viaja sempre com as partituras de Wagner na sua mala.

Mas a opinião publica, o gosto geral, é em Italia, como de rasão, pela facil melodia, pelo tanto feito de accordo com as qualidades brilhantes, facilmente perceptivies, do clima e da raça.

Satisfazendo a estas condições, o *Guarany* agradeou em termos de poder tornar-se popular em Italia. Os pontos da opera em que a reminiscencia de outros musicos italianos, pôde ser classificado de copia abundante n'ella: mas em Italia, no paiz onde na musica popular, na tradição geral, quasi noventa que sopra, se encontra a fonte, a origem, as formulações, de todos os cantos dos seus *maestros*, em Italia, não se dá muito por tal plagio, nem para a massa do publico elle chega a ser mais que *estilo*, genero de musica, propriamente — *italianismo*.

Auctorizado pelo *succes* o obtido na Scala, Londres, poz em scena, no Covent-Garden, a opera de Carlos Gomes.

O publico propriamente inglez tem, da raça a que pertence, a mais decidida negação para a musica. Os viajantes que principalmente enchem Londres, vêm tudo, gostam de tudo, sem nunca ter tempo, nem condições, para fazer a critica de coisa alguma: Londres quer ter nos seus theatros as grandes celebridades, as celebres operas, os fastuosos espectaculos, por uma simples vaidade de homem rico que quer mostrar a sua opulencia.

Dez annos depois da sua apparição em Italia, subiu á scena em Lisboa, o *Guarany*.

O momento não foi bem escolhido.

Nunca, talvez, como nos annos de 1878, 79 e 80, teve o publico de Lisboa a lição de uma mais completa serie de grandes obras musicas. Primeiro, os esplendidos trabalhos symphonicos dos antigos, — Beethoven, Mozart, Haydn, — e dos modernos — Mendelsolm, Wagner, Gounod, Glinka; depois o *Propheta*, a *Africana*, os *Huguenotes* de Meyerbeer, e ainda esse notavel esforço, essa poderosa tentativa, que se chama a *Aida* de Verdi.

Foi depois de tudo isto que appareceu o *Guarany*:

15 ou 20 annos mais cedo, teria obtido um triumpho, ha 10 annos ainda teria agradado bastante, hoje, porém, o publico, educado pela grande musica moderna, soube, julgo eu, fazer criticamente, as distincções justas.

O *Guarany*, pôde considerar-se, em geral, como uma obra quasi tallhada á moderna, sob a influencia dominante do estylo italiano. India no seu auctor uma grande facilidade de assimilação melódica, mas pouca ou nenhuma originalidade. O *Guarany* não mostra um estylo, não annuncia uma personalidade: é um mosaico em que se veem, separadas e distinctas nas suas diversas côres, as pedras de diferentes origens. A harmonia, as modulações, a instrumentação, a disposição e o arranjo geral da opera, são de quem sabe o que faz, mas de quem, ao mesmo tempo, não sabe ainda tudo que se pôde fazer. A quantidade de *son* toma quasi sempre o lugar que deveriam occupar combinações complexas e expressivas.

Os caracteres estão na musica do *Guarany* indecisa-mente desenhados; nenhum d'elles fica vivo, como uma personalidade, na nossa recordação. Nem, n'esta opera, tem Carlos Gomes o poder de crear um meio de expressão, novo e verosímil, para os elementos estranhos que nos apresenta em scena. Di-nos uma impressão aceitavel o interludio com que, no 3.º acto da 1.ª parte das *Nibelungen* de H. Wagner, a orchestra nos desenha a batalha terrivel entre heroes e semi-deuses, d'onde as *Wakure* trazem para o *Walhalla*, sobre os seus cavallos phantasticos, os cavalleiros mortos; sente-se no 4.º acto dos *Huguenotes* a carnificina com que a população fanatizada enche de tragedias as ruas de Paris; sente-se o mar ondulado e mysterioso no 3.º acto da *Africana*, e conhecem-se as grandes florestas e os povos selvagens no 4.º acto da mesma opera:

Mas as florestas americanas caão apenas descriptas nas rubricas e no scenario do *Guarany* de Carlos Gomes, e os seus selvagens, que quasi sempre cantam e dançam madrigaes e polkas de imitação italiana, conseguem ás vezes ser dissonantes, mas, nunca, dar-nos a sensação verosímil, estranha, poderosa, original, do mundo novo a que pertencem.

A este juizo severo talvez mas, segundo julgamos, justo do valor absoluto do *Guarany*, opera aclamada em Milão e em Londres, leve, sem duvida, seguir-se a apreciação de seu merito relativo.

Como terceira opera de um discípulo dos conservatorios do Rio de Janeiro e de Milão, o *Guarany* é uma brilhante promessa.

Carlos Gomes escreveu, já depois, o *Salvador Rosa*, a *Forsy* e a *Maria Tudor* que não conhecemos. N'essas operas tem tido sem duvida o maestro brasileiro occasião de provar até onde podem ir os recursos do seu notavel talento, tão extraordinariamente annunciados no *Guarany*.

A *Forsy*, é, entre todas, geralmente indicada como significando, no maestro, a quebra dos deuses da modernidade, e a entrada no campo, severo e critico, da verdadeira arte moderna.

A execução do *Guarany* foi em Lisboa excellente: *Pery* deve n'esta epoca considerar-se em S. Carlos a criação mais correcta do tenor Tagamag; Pandolphini, o *Cacico* dos *Aymoré*, canta esta parte com a sua musica trancostumada, e não é mais *Aymoré*, porque a musica lh'o não permite. Herminia Borghi-Mamo tenta, e consegue por vezes, animar com o seu grande talento e o seu perfeito canto, aquella *Cecy* ambigua e fútil a quem Carlos Gomes faz cantar com pieguice *Polaco* e *Era uma vez um principe*, sob o sopro ardente que atravessa as florestas virgens, e as paixões selvagens e poderosas que ella inspira.

Parabéns em conclusão ao Brazil que possui um maestro já hoje celebre e por muitos motivos notavel:

Portugal continuará a desconhecer os talentos reaes que, como o Visconde do Arneiro, Augusto Machado, Miguel Angelo, Sá Noronha, de vez em quando apparecem; e continuará a gastar por anno 40 contos do reis á convencer-se, na audição exclusiva das operas estrangeiras, que ha alguma coisa por esse mundo, a que se chama a arte musical, e para a qual os portuguezes não prestam.

E n's que temos uma musica verdadeiramente nacional, — a musica do povo, — nunca teremos talvez u.a arte desenvolvida, consciente, que nos caracterize entre as outras raças.

É que ha entre Portugal e o Brazil uma grande differença: lá, o ser brasileiro é um motivo para louvar; cá, o ser portuguez é um motivo para desprezo, — o que concorda inteiramente com o que deve passar-se n'uma nacionalidade que se forma, acrodiando em si, e n'uma outra que decahe, critica e sceptica.

FILIPPE DO AMARAL.

A PROPOSITO DO SCENARIO DO GUARANY

O sr. Luigi Manini, pintor escripturado na presente epoca para o theatro de S. Carlos, e auctor do magnifico scenario da opera — *O Guarany*, representa dignamente a moderna escola scenographica italiana, á qual pertence.

Tendo recebido uma educação de artista bastante completa, e possuindo um talento extremamente generalizador, que lhe permittiu manejar com equal pericia a architectura, quer classica, quer pittoresca, a paisagem, o ornamento e a figura decorativa — especialidades de que se compõe a pintura de theatro — o joven artista, que por si só vale bem um grupo de pintores, distingue-se além d'isso pelos seus vastos recursos de composição e por um conhecimento assás profundo da magia do colorido, e se na sua maneira se encontram ainda incertezas, se o seu toque nos parece por vezes um tanto fustigado e de uma largueza exagerada; se acaso lhe escapa uma nota opaca n'um escuro de profundidade, ou um valor *estriante* nos planos da perspectiva aerea; ou lhe succede tratar qualquer detalhe de primeiro plano com moleza, defeitos são estes que a pratica vem a corrigir, e que se acham amplamente contrabalançados pela intenção sincera e inteiramente despidida de convencionalismo do seu desenho, e pela interpretação das superficies, cujo naturalismo, no estylo do sr. Manini, attinge, por assim dizer, a verdade photographica. As suas scenas recommendam-se ainda por uma outra qualidade tão preciosa quanto é rara: a apesar da execução vigorosa, as luzes principaes e as notas do effeito acham-se sempre habilmente resumidas muito acima da linha visual, deixando na base do quadro largos planos de meia tinta, nos quaes dominando os tons negativos, as tornam por tanto excellentes fundos para figuras.

No *Guarany* o scenographo, até ahí mais conhecido pelas suas vistas de architectura, revela-se-nos como paisagista perfeitamente moderno, e a empreza renovando a sua escriptura andou acertadamente, por quanto este ramo da scenographia, que estacionou no nosso paiz a ponto de estar ainda vivendo de um reflexo da antiga escola classico idealista, carecia instantaneamente do exemplo de um artista da escola moderna, para entrar em nova phase.

Além de um excellentes scenographo, o sr. Manini é um excellentes aguarellista. Devemos felicitar a nossa scena lyrica pela aquisição de um artista tão notavel, já escripturado, ao que nos consta, para a epoca seguinte.

SPECTATOR.

VIAGENS

DOS SR.

HERMENEGILDO CAPELO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

III

Até ao Bihe Hermenegildo Capello, Roberto Ivens e Serpa Pinto viajaram juntos.

Um mappa publicado pelo OCCIDENTE nota a posição dos principaes pontos percorridos n'esta primeira parte da exploração.

Em vez de se dirigir mais directamente por Supa, por Quissange, Ouhondo, Zamba, por onde em 1873 chegára a Benguela o commandante Cameron, a expedição atravessou o Dombe, Quillengues, Caconda, conchellos importantes da provincia de Angola.

A região littoral que primeiro se percorre ao entrar n'esta parte da Africa austral é, segundo o testemunho dos ultimos viajantes portuguezes, bastante esteril e insalubre. Na formação dos terrenos ha muito da acção do mar, e as aguas que veem das vertentes das montanhas, formam alli pantanos, muitas vezes mixtos, nas peiores condições, de agua doce e salgada.

Começa depois a subir-se para o interior

n'uma região muito accidentada que, no seu todo mais elevado, pôde considerar-se em media, a uns novecentos metros acima do nivel do mar.

Os cursos de agua são numerosos precipitando-se todos para o Atlantico. E, como as chuvas são regularissimas e os terrenos fundaveis, a vegetação espontanea é exuberante e a cultivada tem todas as condições de um prospero desenvolvimento: A mandioca, o sorgo, o milho, a massambala, o inhame, a batata doce, o arroz, a ginguba são aqui os mais abundantes alimentos.

Encontra-se com frequencia o algodoeiro herbaceo, o ricino e o tabaco, o café, e os gigantes arboreos conhecidos pelos nomes de Inbrondeiro, Baobab ou Adansonia.

As agulhas magneticas da expedição portugueza annunciaram por muitas vezes a existencia, no solo, de jazigos metaliferos.

As raças indigenas que ahí habitam são fortes e sãs; os europeus vivem n'estes territorios soffrivelmente: o paiz é relativamente saudavel.

Subindo mais, até uns mil e quinhentos metros de altitude media, os viajantes acharam-se, emfim, no que pôde considerar-se como o planalto geral do Continente n'esta parte d' Africa.

Os terrenos que aqui dominam parecem ser os primitivos, avermelhados, em grandes extensões, por oxydos de ferro abundantes. A superficie pouco accidentada tem, em geral, quasi apenas as grandes ondulações que marcam as bacias hydrographicas dos rios que correm por ella, em largos cirenitos, antes de, mediatamente, chegarem aos mares.

A camada de terra onde as plantas mais importantes podem desenvolver-se é muito delgada, e quasi sempre argillo-siliciosa. De abril a agosto a estação recebe o nome de *Cacimbo*: o vento sopra então predominantemente de sueste e é bonaoço de manhã e mais fresco pelas tres ou quatro horas da tarde. A atmosfera mostra-se limpa. As differenças entre as temperaturas extremas são enormes.

De setembro a março é a estação das chuvas, sobretudo abundantes em outubro e novembro e mais fracas nos chamados mezes de *Quangala*, janeiro e fevereiro. A temperatura maxima-media é, n'essa estação, de 25 centigrados.

Pode considerar-se que, n'um mesmo paralelo ao Equador, os paizes da Africa, serio, em regra geral, tanto mais salubres quanto mais para o interior do Continente.

As terras do planalto são assim mais habitaveis que as das regiões que ficam atraz esboçadas. As raças que n'ellas vivem são as mais perfeltas.

Os Moccusos, Mondombes, Malumbes, Quimbahes, Bailundos, Buénes e Ganguellas habitam principalmente estes territorios. Pastoreando gado, e quasi inteiramente nus, — apenas muito parcialmente cobertos por um panno ou uma pelle, — alimentam-se do *infunde* de farinha de milho ou de mandioca, e, rarisimas vezes, de carne. As mulheres trabalham em pequenas terras que agricultam.

O Bihe era um dos grandes centros, n'esta parte d' Africa, do trafico da escravatura.

Pelos caminhos que d'aqui partem, — para Catanga, Guaranguéa, Genge, Cassongo, Calombo, — os bilhenos negociam com a cera dos Ganguellas, com o marfim de Mucusso e productos d' outros sertões.

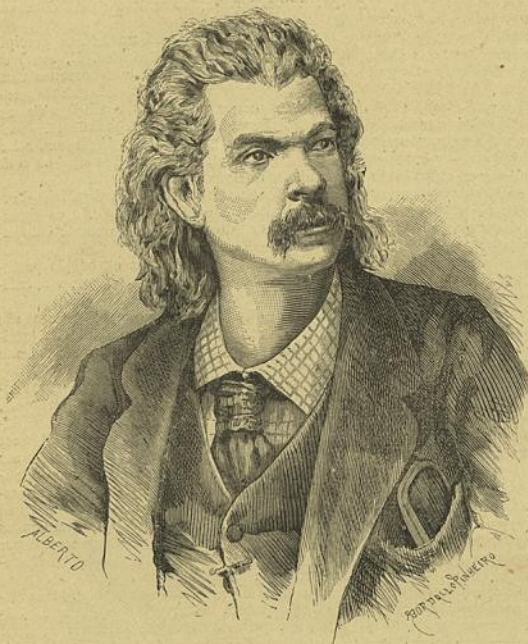
É do Bihe para o norte que começa a parte mais notavel da viagem de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens.

Ahi os seguiremos no proximo numero do OCCIDENTE sobre um resumo do proprio mappa que os exploradores levantaram.

Durante a sua estada em Quillengues Roberto Ivens fez os dois desenhos que aqui apresentamos gravados. São elles os primeiros até hoje publicados d' uma preciosa e extensa colleção que este explorador, que é tambem um distinctissimo artista, trouxe das suas viagens.

(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.



O MAESTRO CARLOS GÓMES, AUCTOR DA OPERA «O GUARANY»
(Segundo uma photographia)



CAROLUS DURAN
(Segundo uma photographia do sr. Camacho)

AS NOSSAS GRAVURAS

CAROLUS DURAN

Carolus Duran, uma das mais accentuadas phisionomias da arte franceza e da arte contemporanea, que n'este momento se acha em Lisboa, é natural de Lille onde nasceu a 4 de julho de 1838.

Estudou em Paris e foi pensionista da sua cidade natal em Roma. Regressando a França expoz no salão o seu grande quadro o *Assassinado* que lhe valeu a primeira medalha, começando aqui a afirmar-se a poderosa individualidade que mais tarde lhe conquistaria um tão distincto logar.

Depois d'este primeiro triumpho Carolus Duran partiu para Hespanha a estudar Velasquez. Foi em face das

obras collossaes d'este grande mestre que a sua individualidade artistica se firmou definitivamente. Fechado no muzeu de Madrid durante um anno a estudar e a copiar os *Borrachos*, as *Meninas*, os *Bobos* e outras maravilhosas telas da arte hespanhola, o seu pulso adquiriu esse vigor excepcional que caracteriza hoje as telas firmadas com o seu nome.

Regressando de Madrid, Carolus Duran obtinha o seu

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



UMA RUA NO INTERIOR DA ARINGA DE QUILLENQUES — (Extrahido do album de viagem dos exploradores Capello e Ivens)



RESIDENCIA DO CHEFE DE QUILLENGUES — (Extrahido do album de viagem dos exploradores Capello e Ivens)

primeiro e indisputavel triumpho expoz o celebre retrato de sua esposa, vulgarmente conhecido pelo nome de *La Dame au gant*, e que hoje figura no muzeu do Luxemburgo ao lado dos prizoires artisticos da nossa epocha.

Em 1870 obteve novo premio no Salão expoz o retrato de M.^{me} Feydeau, conquistando outra medalha, e no anno seguinte outros quadros affirmaram ainda a sua celebridade, sendo Carolus Duran agraciado com a Legião de Honra.

Carolus Duran é hoje um grande vulto da arte. Os

seus retratos são verdadeiras maravilhas nonde a graça se alia com o vigor. Dois de seus quadros expostos no Salão de 1879 valeram-lhe a medalha d'honra, a maior gloria a que póde aspirar um artista francez.

Inimigo de todas as convenções, o grande mestre procura interpretar d'uma forma sincera e intelligente a natureza. É a realisação d'esto ponto de vista que lhe tem valido os consecutivos triumphos em que o seu nome é Lo.e apregoado.

O seu colorido quente e poderoso, os contornos suasves das suas adoraveis figuras, os seus fundos mysteriosos, as suas roupagens soberbas, colheu-as em flagrante na realidade das coisas; estudou os seus processos nos grandes mestres, e observando principalmente a natureza, Carolus Duran é um *realista* na acepção esthetica da palavra; mas porque só se deu á reproducção das cousas agradaveis á vista, o seu *realismo* só tem o aspecto que nos seduz e nos encanta. E' sobre tudo no

BELLAS-ARTES



A PRIMEIRA IMPRESSÃO DO ARTISTA — Quadro de José Christina, pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando (Segundo uma photographia)

retrato das mulheres e das crianças que o grande mestre é exímio, da mesma forma que Bonnat, outra celebridade da França contemporânea, o é no retrato dos estadistas e dos pensadores. E ambos elles têm o segredo de fixar na tela aquillo que realmente não pôde ser reproduzido pela applicação material das cores e do traço—a alma e o espirito.

Carlos Duran veio expressamente a Lisboa pintar o retrato do sr.^o duque de Palmella. Além do retrato d'esta senhora, conta-se que dentro em pouco exponha na Exposição da Sociedade Promotora das Bellas Artes o retrato de sua magestade a rainha, que tambem está concluído, e algum outro de que fosse igualmente encarregado.

Temos assim occasião de admirar e applaudir um grande mestre, que, além de ser uma gloria da França, é tambem, como todos os homens de genio, uma gloria do espirito humano, esta patria que não tem fronteiras.

A PRIMEIRA IMPRESSÃO DO ARTISTA

O quadro que a nossa gravura representa é pintado pelo fallecido pintor Christino, uma das mais preciosas e apitadas do nosso paiz, prematuramente roubado á arte.

No quadro figura o proprio pintor e figura tambem o malogrado artista Annunçiação. O assumpto é um caso acontecido aos dois pintores, n'uma das suas excursões artisticas pelos arredores de Lisboa. Descansando n'um pobre albergue solio, em quanto estavam descaudados, Christino contemplando a paisagem, e Annunçiação estudando os animaes *d'après nature*, um dos porquenos da casa abre a caixa de tintas dos pintores, e principia a desenhá-los cheio de enthusiasmo em um quadro conforme acabava de o ver fazer a elles. E' este o thema da graciosa composição.

Este quadro foi executado expressamente para sua magestade el-rei D. Fernando, como *pendent* ao quadro os *Cinco artistas em Cintra*, e existe hoje nas galerias do mesmo senhor.

NORDENSKIOLD E A PASSAGEM DO NORDESTE

III

Dois ricos proprietarios se reuniram para emprender uma viagem de descoberta e investigação no mar Glacial, ao longo das costas da Europa e da Asia, desde o oceano Atlantico até ao mar Pacifico.

Chanava-se de ha muito a esse caminho, que todavia ainda ninguem completamente percorrerá, a *passagem do Nordeste*, tendo-se-lhe attribuido uma importancia maxima para as relações commerciaes entre a Europa e o extremo oriente asiatico, enquanto o unico caminho maritimo era o que, pelo cabo da Boa Esperança, obrigava a costear a Africa inteira.

Aberto o canal de Suez, essa importancia diminuiu sem duvida, mas não desapareceu inteiramente.

Conhecida melhor a Asia, a extensão e importancia dos rios que alli correm para norte, e a extensão e recursos das suas bacias hydrographicas, vê-se que o problema commercial consiste hoje, menos em fazer communicar, pelos mares do norte, a Europa com a America, do que em definir as relações regulares dos rios da Siberia, d'um lado com o Atlantico, do outro com o Pacifico, pondo assim em consumo de populações numerosas os productos agricolas e mineiros da Asia, e levando, até ao centro d'esta os artefactos das industrias adiantadas e os poderosos meios do trabalho moderno.

Foi principalmente com este intuito, e praticamente, dentro d'estes limites, que a viagem de Nordenskiöld foi organizada.

É evidente que além de tudo isto a existencia d'uma passagem navegavel a nordeste, para a America, nunca deixou de ser um importante problema geographico, como eram do maximo interesse scientifico todas as observações, todos os mineraes e todos os organismos que, em viagem por tão desconhecidas regiões, se podessem colher.

Ao sr. Oscar Dickson, de Gothenburgo (Noruega), que comprou o *Vega*, associou-se o sr. Sibirakoff negociante de trigo de S. Petersburgo, e aos recursos dos dois juntou o governo sueco um subsidio importante.

O sr. Luiz Palander commandava o *Vega* tendo por immediatos os tenentes Brusewitz (sueco) e Hovgaard (dinamarquez).

A commissão scientifica, presidida por Adolpho Nordenskiöld, — que especialmente se occupou de mineralogia e anthropologia, — compunha-se dos professores Kjellmann, geologo e botanico (algas e phanerogamicas), Almqvist, botanico (lichens), Stuxberg, zoologo (animaes inferiores), e dos tenentes Nordqvist, medico e zoologo (animaes superiores), e Dove, hydrographo da marinha de guerra italiana.

O *Vega* partiu de Gothenburgo, ao sul da Noruega (14 de junho de 1879), e juntou-se em Tromsøe, na costa do Norte, com o *Lena*, navio commandado pelo capitão Johannessen que devia acompanhar a expedição até ao rio d'aquelle nome na Siberia oriental e subir por elle até Irkutsk, no centro da Asia. Em Ingur (30 de julho) reuniram-se ainda á expedição o vapor *Frazer* e o navio de vela *Express* que levavam carvão para abastecer os dois primeiros vapores e que os deixaram na embocadura do Jenissei, voltando d'esse rio á Europa, carregados de trigo e com excellente viagem, dois mezes depois.

Entre a Laponia e a península de Kanin passou a expedição em frente da entrada do mar Branco. Depois ficou-lhe ao sul a ilha de Kalgujev: em frente appareceram então, curvadas em arco, as terras do archipelago da Nova Zembla, desde a ilha de Waigatsch, em frente do continente, até ao cabo Bageerte, em face da península de Taimyr. Esse arco de ilhas encerra o mar de Kara. As entradas d'este são o estreito de Ingur, entre o continente e a ilha de Waigatsch, o estreito de Kara, entre esta ilha e a Nova Zembla, o estreito de Matotschkin, entre as duas ilhas sul d'quelle denominação.

No norte accumulam-se as neves; mas ao sul, junto do continente, as correntes do rio Petechora, ainda na Russia da Europa, e as dos rios da Siberia, o Obi e o Jenissei, que trazem as aguas relativamente quentes das latitudes mais baixas, tornam a costa navegavel principalmente no verão. O *Vega* costeou sem difficuldade o norte da ilha Barga, passou em frente da foz do Obi e entrou no rio Yenissei.

Foi ahi que, por 73°, 30' de latitude norte, e 80°, 55' de longitude leste de Greenwich, o *Vega* entrou n'uma pequena bahia, profundamente situada entre uma ilha e o continente, junto da margem direita do Yenissei. Essa bahia está protegida de todos os ventos por alturas de 150, 260, 150, 160 e 300 pés; tem dois canaes ao norte, o canal do *Lena*, e canal de *Proven* (navio que ahi esteve em 1875) e um canal ao sul, o do *Vega*.

As costas são alli profundas e permitem a construcção vantajosa de pontes de carga e embarque; o fundo é formado por uma argilla muito fina; ha pedra em abundancia nas ilhas. A 10 de agosto partiram do Porto Dickson. Da embocadura do Jenissei para o nordeste começavam propriamente para as tripulações do *Vega* e do *Lena* as regiões desconhecidas.

Em frente da embocadura do rio Pjácina e ao longo de toda a costa oeste da península de Taimyr, as ilhas são numerosas apesar de se não encontrarem determinadas nas cartas maritimas.

(Continúa)

E. LIMA DE BARROS.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES

(Continuado do n.º 51)

Haviam decorrido annos. As conjurações dos grandes senhores tinham sido cortadas pelo cutello do algoz, pelo punhal do rei, ou pela

escuridão dos carcerees. A lucta de morte travada entre os grandes senhores e o rei, vencera este. O povo não se levantou para proteger aquelles, pelo contrario amava e favorecia o rei que lhes fazia justiça. Os reis de Castella que haviam de algum modo animado os conspíraes, desenganaram-se, que homem tal, não se podia ter por inimigo. D. João II reinava em paz. Seu filho D. Alfonso completara quatorze annos e na forma ajustada na occasião do desfazimento das tercarias, devia casar o principe com a infanta Izabel de Castella, visto estar ainda solteira. D. João II enviou a Castella o coudel-mór Fernão da Silveira, o doutor João Teixeira, chancelier-mór e por secretario da embaixada Rui de Sande, fuzgarr os reis, se eram dispostos a satisfazer as estipulações anteriores relativas ao matrimonio.

Izabel e Fernão achavam-se em Sevilha. A embaixada foi por elles recebida. Acolhida alegremente, tudo acordaram, e, como o coudel-mór ha munido de procuração bastante, foram celebrados os desposorios logo n'aquella cidade a 18 de abril de 1490. Esta solemnidade foi seguida de festas esplendidas, justas, torneios, touros ao gosto da epocha, querendo os reis, mostrar o jubilo que de tal enlace recebiam. D. João II, grande em tudo, tinha mandado dispor postilhões de tres em tres leguas, desde Sevilha até Evora, para ser avisado logo que a decisão fosse tomada. Era a segunda feira immediata; ao fim da tarde, andava el-rei a passear, na praça, com o principe, o duque D. Manuel, e mais fidalgos, tendo saído de casa de Alfonso Garez, secretario, onde fóra assistir ao casamento de uma sua filha, quando Philippe do Casal, irmão de Rui de Sande, que era o ultimo dos que d'aquelle encargo estavam incumbidos, para o que se achava na torre dos coelheiros, chegou a el-rei e lhe deu a feliz nova. Recebeu-a este com alvoroço e immediatamente, o estrondar dos foguetes, o retumbar dos trons, o brilhar das fogueiras, o ressoar das sacabuxas, charanellas, trombetas, atabales e outras invenções de guerra e prazer juntos com o repicar dos sinos vieram assombrar o povo, e communicar a todos aquella grande alegria. Logo foram dar graças a Deus á Sé, d'alli a casa da rainha, onde o alvoroço era já grande. «E logo houve muito grande e rico serão de muitas danças e bailes alegrias e muitas festas, etc. toda a gente da cidade foi posta com muita brevidade em danças e folias, com infindas tochas na praça e no terreiro dos paços e por todas as ruas principaes; e tanta gente honrada e nobre e assim a do povo que não cabia, nem se viu nunca tanto alvoroço e alegria. E muitos velhos e velhas honradas com o sohejo prazer foram juntos cantar e bailar (*havia de ser bonito*) diante el-rei e a rainha: cousa de que suas lidades os bem escusavam. Nos quaes entrou Rui de Sousa e Diogo da Silva, que depois foi conde de Portalegre, homens já de dias e de muita auctoridade; e em vindo el-rei da Sé, com o principe e o duque e com muito grande estado, lhe saiu á rua cantando, com um pandeiro na mão, D. Brioliana Henriques, dona muito honrada, mulher de Ayres de Miranda, e el-rei com prazer a tomou nas ancas da mula, e a levou assim com muita honra, onde a rainha estava.» Não resistimos á tentação de copiar este trecho de Garcia de Resende, salva a orthographia e pontuação, por ser muito característico dos costumes da epocha.

Não foi menor o regosijo pelo resto do reino e especialmente nas extremas de Castella, pois que os cavalleiros d'aquelle reino vinham com as bandeiras dos logares ao extremo, e ali aclamavam os principes, abaixando e alçando as bandeiras em signal de regosijo pela consolidação da paz, e afastamento da guerra, cujos effeitos elles mais que nenhuns outros haviam padecido.

No dia seguinte o rei, rainha, principe, senhores, damas, cavalgaram ricamente vestidos, precedidos dos judeus com suas toucas e guinolas, foram ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro ouvir missa e se conservaram lá até á tarde, onde comeram, e d'onde voltaram, havendo nas ruas e praças *comer mui abasta-*

dos, e nos paços muitas danças e festas até pela manhã. Na quarta feira seguinte o pateo dos paços foi toldado, e ricamente adornado de docéis de brocado, com um estrado real levantado, onde se fizeram momos em que entrou el-rei e os senhores casados. O príncipe, o duque e os fidalgos celebraram entre-mezas, sendo tantas as danças que a noite não obstante. Á quinta feira houve touros e canas, a que el-rei veiu com a rainha e damas e a gente nobre. Continuavam as festas mas no meio d'este folgar, rebentou uma nuvem de tristeza. Mau presagio em tanta alegria! A princeza D. Joanna, irmã d'el-rei, que desprezara todas as galas, pompas e glorias do mundo, para ir votar a Deus a sua belleza, pureza e bondade, morria no convento de Jesus de Aveiro a 12 de maio d'esse anno, na força da vida, com 38 annos de idade. Sentiu el-rei o golpe, não só porque sempre quiz muito a sua irmã, mas porque em sua companhia se creava, seu filho natural D. Jorge, e por não ter sabido que ella estava doente. As pessoas que a cercavam não julgando a doença perigosa, não o haviam participado a el-rei, e ella em breves dias se finou.

Depois do recebimento da infanta em Sevilha, enviaram os reis de Castella seus embaixadores a Portugal com cartas reias, notificando a D. João II a sua resolução; foram recebidos, apresentados e reconduzidos com toda a honra e magnificencia.

Tratou em seguida D. João de prover aos aprestos para as bodas, e comquanto desejasse muito fazer essa celebração em Lisboa, para maior esplendor, não pôde resolver-se a isso pela peste que então grassava aqui.

Tudo começou a preparar-se em Evora, que era então a segunda cidade do reino, diz Garcia de Resende. Para todas as partes enviou o rei emissarios e feitores a comprar o necessario, para que as festas fossem as maiores, mais reas e mais perfeitas que se podessem fazer.

D'Allemanha, Flandres, Inglaterra e Irlanda vieram tapacarias, pannos de lã finos, e outros, haecaneas formosas e muita prata em pastas. Não faltou a mandar vir cosinheiros e menestres altos e baixos: De Castella e outras partes vieram ouriveses, douradores etc. Os que foram a Italia não só compraram toda a seda, brocados, telas de ouro e prata que havia nos armazens de Genova Florença e Veneza, mas deixaram muitas nos teares a fazerem-se que depois vieram. Acudiam os mercadores de toda a parte, pelas isenções e liberdades que o rei lhes conferia.

Mandou dar a todos os fidalgos que quizessem justar duzentos crusados nas sedas, e cem aos que quizessem entrar nos momos, e isto por ordenança, sem por isso beijarem a mão a el-rei, nem tirarem despacho algum. A todos os officiaes e empregados da casa real se fizeram grandes mercês. De Guiné e Berberia veio muita cera, verba importantissima em que se queriam fazer por ser a iluminação então usada. Infinita quantidade de fructas e peixe fresco e de conserva, foi trazido de varias partes; aves e gado grosso e miúdo, que todo se conservou e sustentou nas immedições da cidade, até á occasião oportuna.

Ordenou-se que de todas as mourarias viessem os motros e motras que soubessem bailar; e dos logares cercanos viessem mancebos gentis e moças formosas que soubessem bem cantar e bailar *pera bailos e folias*.

Cinco praças abastadas de tudo o necessario estiveram sempre preparadas para os que precisassem mantimentos.

Como no pago não havia sala sufficiente, mandou o rei construir junto a elle uma de madeira, que se fez onde depois foi a horta de S. Francisco. Era do comprimento de 300 palmos (66 metros) por setenta e cinco de largo (16,5 metros) e quasi igual altura; as galerias e annexos á sala formavam um grande edificio. Era ricamente adornada e ardiam n'ella, durante as festas, 300 tochas e brandões por noite.

Participado aos reis de Castella que estava tudo prompto para receber a princeza, despediu-se esta dos paes que a acompanharam até

Constantina, d'onde seguiu acompanhada pelo cardeal arcebispo de Toledo, condes de Benavente e de Feria, bispo de Jaen, D. Rodrigo d'Ulhoa, que vinha por embaixador e outros muitos fidalgos e damas, chegando a Badajoz sexta feira 19 de novembro. N'esse mesmo dia chegava a Badajoz a comitiva que a devia receber e acompanhar composta do duque de Beja, D. Manuel (depois rei) que levava poder especial do príncipe, dos bispos d'Evora, e de Coimbra, condes de Monsanto e de Cantanhede, todos ricamente preparados e acompanhados de seus apuniguados e outros fidalgos tambem guardadamente corregidos.

Descançou a princeza dois dias e a 22 saiu de Badajoz acompanhada da sua comitiva e povo da cidade em danças e folias. Á mesma hora D. Manuel, com os mais senhores e nobres portuguezes, saiu de Elvas, seguido da gente da cidade e comarcan atravessou a raia, indo apresentar as suas homenagens á princeza, que o recebeu com o primor e gasalhado devido á sua pessoa e ao príncipe que representava, e bem assim a todos os mais prelados e fidalgos. Vieram então todos em companhia até á ribeira do Gaia, onde o chanceler-mór Vasco Fernandes de Lucena, dirigiu a sua *arenga* á princeza, que pelo cardeal foi então entregue ao duque de Beja, e se despediu d'ella, bem como outros fidalgos acompanhando a contudo muitos outros castelhanos até Elvas. Aqui foi recebida debaixo d'um rico pallio de brocado e acompanhada até ao convento de S. Domingos onde foi aposentada. As selas, camaras, camas e mais aparato que ali foram mandados preparar por el-rei eram em tudo soberbas e magnificas. A princeza foi ali muito regalada de fructas e presentes de todo o genero.

No dia immediato partiu para Extremoz, onde el-rei aforadamente a veio ver com o príncipe e foi ratificado o recebimento. D'ahi seguiu para Evora, onde fez a sua entrada solemne a 27 de novembro. As festas que então se seguiram corresponderam aos preparativos feitos.

Não sendo do nosso proposito senão o que se passou na fronteira, remettemos os curiosos ás chronicas de Rui de Pina e Garcia de Resende, d'onde extrahimos a presente relação.

Sete mezes depois essas festas convertiam-se em luto, pela desastrada morte do príncipe D. Alfonso a 13 de julho de 1491; e a corôa que D. João II tanto forcejara por tornar segura e indispensavel na sua cabeça e descendencia, ia passar para a de seu primo e cunhado, D. Manuel, que a historia appellidaria o *afortunado*.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

DE BUENOS AIRES A PAMPA

POR CORDOBA

(Continúa.)

— Que dizes a isto, Gutierrez?
— Nada!
— Tienes todavia el diablo en el cuerpo! observou Behety.
— O que elle tem, se não me engano, é telha.
— Caballero! gritou Gutierrez, erguendo a cabeça e encarando-me de um modo singular. Usté ha pronunciado una palabra, que no figura en los diccionarios de nuestro idioma: *Telha*... Se usted no me la traduce en el momento, le aseguro que hoy será el ultimo dia de su vida!
— Onde enterras os que matas? perguntellhe eu.
— En la Recoleta!... Pero señor Almeida, usted abusa de mi longanidad!
— E tu abusas extraordinariamente da minha paciencia.
— Caballero! tornou Gutierrez, mettendo a mão na algebeira, e tirando uma luva.
— Un duelo!

* Cemiterio de Buenos Aires.

— Soceguem meus amigos. Não estou resolvido a dar palha aos idiotas de hotequim.

— Estan reñidos?! balbuciou Maria, a formosa portieira de cabelo louro.

— No, respondeu Santiago. Es broma.

— Lo dijo de un modo tan sério! E quien es el caballero á quien señor Gutierrez se ha dirigido?

— Un escritor portuguez... E, voltando-se para Gutierrez: Compañero, usted no ha concluido todavia su interesante historia de á noche...

— Y no la concluiré.

— Eso no es de amigo, observou Behety.

— Lo que no es de amigo, es el insulto que este gringo...

— Homem! interrompi eu; isso é falta de generosidade. Sabes que en seria incapaz de te chamar telhado, se tu realmente o não fosses...

— Lo sé, lo sé muy bien!... Viene á mis brazos, perla de Portugal! Tu eres el unico de los europeos...

— Não ponhas mãos na carta.

— Ya me entiendes! Pues, señores, proseguí Gutierrez: sabido es que ni todos viajan del mismo modo, ni por las mismas razones, ni con el mismo resultado!

— Cierto!

«Humboldt, madama Stael...

— Por amor de Deus, acudi eu, deixa as citações para outro dia.

— Es que Humboldt es autoridad, compañero...

— Bem o sei; mas eu creio mais em ti.

— Ya lo creo!... «Como iba diciendo, hay varios modos de viajar.

— Sim; já sabemos isso.

Bueno! «Se viaja, por ejemplo, por insinuirse...

— Adelante.

«Se viaja, por ejemplo, por olvidar...

— Adelante, hombre!

Despacio, amigos, despacio. «Se viaja, por ejemplo, por gastar el dinero.

— Y tambien, por ejemplo, por ganarlo, interveiu Behety.

Ahora mismo iba á decirlo, continuou Gutierrez. Bien. «Se viaja por ejemplo, por hacer-se notable...

— Hombre! eso no tiene fin? preguntou Cobo.

— Si, pero sin paciencia nada se hace! observou Gutierrez. Oye, si quieres.

— Si, quiero irme al cielo!

— Bueno, proseguí Gutierrez. «Se viaja, por ejemplo, por adquirir un porte y un ayre chic...

«Se viaja, por ejemplo, por curarse...

«Se viaja, por ejemplo, por simple distraccion...

— Esto es insuportable! exclamou Cobo.

— Ya voy á concluir, amigo. «Se viaja, por ejemplo, por comer y beber bien...

«Se viaja, por ejemplo, por estravagancia.

«Se viaja, por ejemplo, por economia...

— Ya no puedo! gritou Cobo.

— Un poquito mas y he concluido «Se viaja, por ejemplo, por necesidad...

«Se viaja, por ejemplo, por descubrir tierras...

«Se viaja, por ejemplo, por comerciar...

«Se viaja, por ejemplo, por lucir la mujer propia...

— Y á veces, *por ejemplo*, la ajena, interrompeu Balletto.

— Tambien, compañero, tambien. «Se viaja, por ejemplo...

— Miserable! exclamou Cobo.

«Se viaja por ejemplo, por curiosidad...

«Se viaja, por ejemplo, por huir de los acreedores...

— Y, *por ejemplo*, en persecucion de los deudores, acrescentou Behety.

— Por supuesto! «Se viaja, por ejemplo, por no saber que hacer.

«Se viaja, por ejemplo, por concluir tratados...

— De ciencia? preguntou Santiago.

— No respondeu Gutierrez; de comercio. «Se viaja, por ejemplo...



CANTO IX. EST. 50.

OS LUSIADAS — EDIÇÃO-EMILIO BIEL

SPECIMEN ESCULPIDO EM MADEIRA POR BREND'AMOUR.

COPIA DO QUADRO ORIGINAL DE LIEZEN-MAYER GRAVADO EM AÇO POR LINDNER.